



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Parábola e empatia nos ensinamentos de Jesus: aportes de Edith Stein

Parable and empathy in the teachings of Jesus: contributions from Edith Stein

Parábola y empatía en las enseñanzas de Jesús: aportes de Edith Stein

Clélia Peretti¹

orcid.org/0000-0003-2062-0883
clelia.peretti@pucrs.br

Bruno Henrique

Campos²

orcid.org/0000-0001-6252-1694
brunoh2009@hotmail.com

Adriane Candida de

Proença dos Santos²

orcid.org/0009-0001-0242-8188
adrianeproenca@hotmail.com

Recebido em: 28 maio 2024.

Aprovado em: 14 set. 2024.

Publicado em: 26 nov. 2024.

Resumo: Para além de ensinar sobre o Reino de Deus, as parábolas narradas por Jesus nos Evangelhos inauguram uma metodologia de ensino totalmente nova na literatura bíblica. As parábolas são, também, ensinamentos que pregam a Boa Nova do Reino e são baseadas nos acontecimentos do dia a dia, levando os ouvintes a refletirem sobre suas atitudes cotidianas. As palavras de Jesus tratam de fé, confiança, responsabilidade, amor e atitudes empáticas, tópicos fundamentais para o acolhimento e a relação com os outros. Ao combinar os ensinamentos de Jesus, por meio das parábolas, com os escritos da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942) acerca dos temas da educação e da empatia, este artigo objetiva aprofundar a metodologia de Jesus, evidenciando o poder da linguagem simbólica e o uso das metáforas. No percurso investigativo, revisitamos a literatura teológico-bíblica, mapeando as contribuições de Edith Stein sobre o assunto. Por esse caminho, delineamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Consta-se que a filosofia cristã steiniana reafirma, através da pedagogia empática, a busca do sentido e a plenitude infinita da verdade divina da revelação. Deus se comunica ao espírito humano na medida e no modo que este se abre ao seu conhecimento. Nesse sentido, compreende-se a importância do ato empático para "fazer" com que o ser humano participe da verdade divina.

Palavras-chave: Parábolas; Jesus; Empatia; Formação; Edith Stein.

Abstract: In addition to teaching about the Kingdom of God, the parables told by Jesus in the Gospels introduce an entirely new method of teaching in biblical literature. The parables are, too, teachings that proclaim the Good News of the Kingdom of God and are based on everyday events, leading the listener to reflect on his or her daily attitudes. Jesus' words deal with faith, trust, responsibility, love, and empathetic attitudes, which are fundamental topics for welcoming and relating to others. By combining Jesus' teaching through parables with the writings of German philosopher Edith Stein (1891-1942) on the themes of education and empathy, this article aims to delve deeper into Jesus' methodology by highlighting the power of symbolic language and the use of metaphor. In the course of our research, we revisited the theological-biblical literature and mapped Edith Stein's contributions to the subject. In this way, we designed a bibliographical study with a qualitative approach. We found that Stein's Christian philosophy, through an empathetic pedagogy, affirms the search for meaning and the infinite fullness of the divine truth of revelation. God communicates himself to the human mind in the way and to the extent that the mind opens itself to his knowledge. In this sense, we can understand the importance of the empathic act of "making" man participate in divine truth.

Keywords: Parables; Jesus; Empathy; Education; Edith Stein.

Resumen: Además de enseñar sobre el Reino de Dios, las parábolas narradas por Jesús en los Evangelios inauguran una metodología de enseñanza completamente nueva en la literatura bíblica. Las parábolas también son enseñanzas que predicán las Buenas Nuevas del Reino y se basan en acontecimientos cotidianos, llevando a los oyentes a reflexionar sobre sus actitudes diarias. Las palabras de Jesús tratan de fe, confianza, responsabilidad, amor y actitudes empáticas, tópi-



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil.

cos fundamentales para acoger y relacionarse con los demás. Al combinar las enseñanzas de Jesús a través de parábolas con los escritos de la filósofa alemana Edith Stein (1891-1942) sobre los temas de la educación y la empatía, este artículo pretende profundizar la metodología de Jesús destacando el poder del lenguaje simbólico y el uso de metáforas. A lo largo del camino de investigación, revisamos la literatura teológico-bíblica, mapeando las contribuciones de Edith Stein sobre el asunto. En este camino, trazamos una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo. Parece que la filosofía cristiana steiniana reafirma, a través de una pedagogía empática, la búsqueda del significado y la plenitud infinita de la verdad divina de la revelación. Dios se comunica con el espíritu humano en la medida y en la forma en que éste se abre a su conocimiento. En este sentido, entendemos la importancia del acto empático para "hacer" al ser humano participe de la verdad divina.

Palabras clave: Parábolas; Jesús; Empatía; Capacitación; Edith Stein.

Introdução

A parábola dos "primeiros lugares", de Jesus, pode ser encontrada no Evangelho de Lucas (14,7-14), o único dos quatro evangelistas que a registrou. Apesar de ser curta e bastante simples, ela provoca no ouvinte a reflexão sobre o exercício da humildade, da empatia, da ética e da reciprocidade, estimulando a observação crítica do cotidiano. Nessa parábola, é possível compreender duas características fundamentais da pedagogia de Jesus: conhecer o dia a dia do povo, e ser conhecedor das coisas do Reino de Deus – Ele mesmo vivia imerso em ambas as realidades e fazia a conexão entre o povo e Deus. Jesus, portanto, traz para o presente aquilo que seus contemporâneos esperavam para o futuro. Todo o judaísmo aspirava a contemplar o poder majestoso da realidade divina, que traria consigo o fim de todo o sofrimento, o desaparecimento da morte, o extermínio dos ímpios, a peregrinação das nações a Jerusalém.

Como conceber que esse gigantesco acontecimento se manifesta nas mãos de um galileu e no grupo de seus discípulos? Jesus, com suas ações, comunicava a mensagem da Boa Nova que irrompia e pregava compaixão. Ele "visivelmente

precisou responder à objeção. Diversas parábolas o mostram" (Doré, 2020, p. 320).

Desse modo, no presente artigo, objetiva-se analisar o sentido das parábolas (o significado), que, pela contação de uma história, convidam "a descobrir Deus, que age incógnito no mundo cotidiano" (Doré, 2020, p. 325). Além disso, aprofunda-se o conceito de empatia³, proposto pela filósofa alemã Edith Stein como elemento constituidor da singularidade da pessoa humana nas relações que estabelecemos subjetiva e intersubjetivamente com o outro. A empatia se apresenta, ainda, como justificativa para compreender a peculiaridade da experiência alheia de compaixão e de amor. O pensamento steiniano tem, também, por finalidade apresentar a empatia como vivência constituidora da singularidade da pessoa humana e da afirmação dos valores pessoais e alheios em suas relações. Além disso, a empatia nos leva a perceber se nossas ações são próprias ou são influenciadas pelas vivências não originárias. Pois cabe à empatia o caráter de vivência não originária, que se manifesta em nosso ser, da qual percebemos a sua essência e entendemos o seu sentido como característica originária do outro.

A empatia apresenta-se, portanto, como a possibilidade de encontro com o alheio a mim, com o diferente de mim, com o Outro. Esse fato marca definitivamente a percepção de vida e de sentido, uma vez que o sentido só pode ser encontrado nesse processo de descoberta do Outro. Não existe outra possibilidade de conhecimento do outro se não essa que passa pela experiência de encontro, sobretudo vivencial e real. O encontro é também a possibilidade de apontamento para o sentido de uma experiência intersubjetiva, que me abre ao diferente. É na categoria de encontro que a empatia visa o saber de si e do outro, assim como nas parábolas "é a história que se desenrola, são as relações travadas entre os personagens que são importantes. A dinâmica toda do relato faz sentido" (Marguerat, 2020, p. 325).

³ A palavra alemã utilizada por Husserl (*Einführung*) é composta por três partes, sendo que o núcleo (*fühl*) significa sentir. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fühl* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa "sofrer" e "estar perto". A palavra empatia é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro (Ales Bello, 2006, p. 65).

Ressalta-se, no que tange à Sagrada Escritura, que não há menção explícita ao termo "empatia". Esse termo é mencionado apenas de maneira indireta, em diferentes contextos, principalmente no Novo Testamento, no período da vida pública de Jesus e de seu ensino, como, por exemplo, na parábola do "bom samaritano" (Lc 10,25-37). Isso posto, busca-se aprofundar, com o aporte teórico da filósofa alemã Edith Stein sobre a "empatia" (*Einführung*), a pedagogia de Jesus e seu método de ensino sobre o Reino do Pai.

1 O ensino de Jesus por meio das parábolas

Durante sua vida pública, Jesus realizou milagres e deu valiosos exemplos de compaixão, empatia, amor ao próximo, serviço etc. Por onde passava, em conjunto com suas práticas, ensinava tanto aos seus discípulos quanto a multidões. Seus ensinamentos ora eram claros, objetivos e com autoridade (Mc 1,21-28), ora eram transmitidos em sermões, como, por exemplo, o Sermão da Montanha (Mt 5,1-11; Lc 6,20-23), ou até mesmo através comparações, metáforas e alegorias comumente conhecidas como parábolas.

Jesus com suas parábolas não dava somente ensinamentos gerais, mas Ele adequava as parábolas aos diferentes contextos e situações da vida:

Cada uma delas foi pronunciada numa situação [...] única e muitas vezes imprevista. Muitas vezes, e até mesmo no mais das vezes, trata-se [...] de situações de conflitos, de justificação, de defesa, de ataque e até mesmo de desafio: as parábolas são, não exclusivamente, mas em grande parte, armas de luta. Cada uma delas exige uma resposta concreta e imediata (Jeremias, 1986, p. 15).

Jesus, com suas parábolas, levava para o presente aquilo que seus contemporâneos esperavam para o futuro. As parábolas orientam para a compreensão do Reino de Deus.

Estas marcavam a mente dos ouvintes, que as memorizavam. As parábolas representam, nos Evangelhos, os traços mais confiáveis da voz autêntica do homem de Nazaré. Ainda hoje, elas são o elemento mais conhecido de seu ensinamento (Marguerat, 2020, p. 325).

Para Jeremias (1986, p. 228) "as ações parabólicas de Jesus proclamam a irrupção do tempo de salvação [...] são pregação. Mostra que Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu". Outrossim, as parábolas estimulam os ouvintes a tomarem posição perante Jesus e sua missão, uma vez que todas manifestam o mistério do Reino de Deus (Mc 4,11), pois o tempo salvífico está a caminho.

1.1 A linguagem das parábolas

Com o intuito de compreender melhor a metodologia utilizada por Jesus durante sua vida pública, é fundamental que se busque a definição – por assim dizer – de parábolas e, por conseguinte, se efetue uma análise filológica (ainda que breve) destas. Jesus foi um contador de histórias. As histórias que ele contava têm um nome: parábolas. Os Evangelhos relatam mais de 40 parábolas. Isso significa que Jesus as usou e que elas marcaram a mente dos ouvintes, que as memorizavam. Mas por que Jesus fez a escolha das parábolas? Elas representam, nos Evangelhos, os traços mais autênticos da voz de Jesus de Nazaré. Ainda hoje, elas são o método mais conhecido de seus ensinamentos.

Para Kunz (2021, p. 13), a parábola "é a explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas". Desse modo, pode-se conceber que a parábola é uma estória na qual se usa parte da realidade dos(as) ouvintes para explicar (ou ensinar, propriamente dito) algo que necessita ser desvelado. Na análise estrutural (ou filológica) da palavra "parábola", compreende-se que ela tem sua origem na língua grega, sendo escrita Π (*parabolé*), sendo que sua raiz Π significa "pôr ao lado". A palavra "parábola" é um substantivo dativo feminino singular, que tem como um de seus sinônimos a expressão "vocábulo". No latim, parábola se refere a uma "comparação" e, nessa conotação, a uma narrativa alegórica. Dessa maneira, se faz necessária (e, até mesmo, correta) a distinção entre "parábola" e "alegoria". Tendo isso em vista, Kistemaker (1992, p. 17) assevera:

O Peregrino de John Bunyan é uma representação alegórica do caminhar de um cristão

pela vida. Os nomes e as circunstâncias encontrados no livro representam a realidade. Cada fato, cada característica ou afirmação são simbólicos e devem ser interpretados ponto a ponto em seu significado real para que possam ser corretamente entendidos. Uma parábola, por sua vez, é fiel à vida e ensina, geralmente, apenas uma verdade básica. Em suas parábolas, Jesus usou muitas *metáforas*, como, por exemplo, um rei, servos e virgens, mas estas nunca se afastaram da realidade. Não estão nunca relacionadas com um mundo de fantasia ou ficção. São histórias e exemplos tirados do mundo em que Jesus vivia e transmitem uma verdade espiritual, através da comparação. Os pormenores da história são o sustentáculo da mensagem que a parábola transmite. Não devem ser analisados ponto a ponto e interpretados como alegorias, pois perderiam o seu significado.

Aprofundando essa abordagem, de acordo com os estudos da Bíblia Almeida (1993), as parábolas são um meio empregado por Jesus para transmitir suas palavras, utilizando-se de uma analogia narrativa, com o objetivo de ensinar lições morais e/ou espirituais. Com esse método de comunicação, Jesus faz uso de mensagens indiretas, analogias, alegorias e comparações como formas de linguagem.

Sendo assim, é correta a afirmação, no que diz respeito às figuras de pensamento e de linguagem, conseqüentemente "chamadas de figuras de retórica, são aquelas ligadas ao modo de organizar e combinar ideias, por meio da imaginação, do raciocínio e da significação simbólica" (Silva, 2022, p. 223). Dessa maneira, tendo em vista que as parábolas narradas por Jesus são, de certa forma, uma metáfora, nota-se a presença da figura de pensamento, isto é, Ele se utiliza dessa estória para ensinar sobre o Reino de Deus à multidão.

Kunz (2021, p. 16) apresenta, ainda, outra consideração de grande valia, que merece atenção:

Aristóteles usava parábolas como meio de persuasão, e Platão as usava para ensinar os princípios de uma vida justa. Entretanto, as parábolas tiveram mais largo emprego no mundo hebreu do que no grego. Uma das razões é que a linguagem hebraica não se prestava tanto para a expressão de ideias abstratas, como a mentalidade grega e ocidental, que é mais lógica. Daí, o ensino comum através de discursos, no Ocidente, e através de linguagem simbólica no Oriente. Jesus, embora usasse o sistema de sermões e discursos, encontrou um

ambiente propício para o uso de parábolas, que muito se prestavam para a instrução oral.

Com base no autor, é possível perceber o quão sábio Jesus era em seu modo de ensinar e anunciar o Reino de Deus, uma vez que combinava duas metodologias distintas – se assim é possível afirmar – em uma metodologia própria, que emprega as parábolas em seus sermões e discursos, os quais eram proferidos diante de multidões, como, por exemplo, na narrativa da parábola do "semeador", descrita no texto de Mc 4, 1-12.

1.2 Os convidados escolhiam os primeiros lugares

No que se refere à utilização de parábolas como principal método de Jesus, "tradicionalmente, são consideradas como a ilustração, com objetivo pedagógico, do ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus e os caminhos que levam a ele" (Fouilloux *et al.*, 1998, p. 191). Os autores ainda mostram que:

Jesus, a partir da narração estilizada de comportamentos familiares, incita seus ouvintes a modificar sua maneira de ver ou de agir. Ele lhes sugere [...] uma visão muitas vezes diferente da deles. Assim fazendo, mostrando-lhes como sua própria conduta [...] molda-se na conduta mesma de Deus (Fouilloux *et al.*, 1998, p. 191).

Nota-se, assim, que a narrativa das parábolas de Jesus brota de uma realidade próxima à dos ouvintes, colaborando, dessa maneira, para que a abstração contida nas parábolas perpassasse pela concretude do dia a dia. Com isso, "entre Jesus e seu auditório instaura-se, então, não uma polêmica, mas um diálogo aberto que cada um é convidado a prosseguir" (Fouilloux *et al.*, 1998, p. 191). Isso posto, as parábolas apresentadas por Jesus condiziam às experiências e aos comportamentos que necessitavam ser repensados. Em outras palavras, uma nova conduta era requerida, e esta deveria estar em consonância com a vivência de Jesus, o que, por sua vez, a tornava próxima da conduta divina.

Diante de tais observações, vale observar que, na contação de parábolas, "a ideia é, enquanto se

passa com aparente leveza de um assunto para outro, gravitar constantemente em torno de um único centro: o mistério de um Deus de amor que convida os homens ao amor" (Sellier, 2011, p. 172). Ou seja, o fim último da metodologia de ensino utilizada por Jesus durante sua vida pública está pautado pela mudança de comportamento da pessoa, mas tal mudança se justifica por uma relação com Deus, norteadada pelo amor.

Por conseguinte, essa compreensão é de vital importância para os cristãos e cristãs, hoje. Mas é preciso pontuar, mesmo que numa breve síntese, que as interpretações das parábolas outrora foram (e ainda são) equivocadas. Nesse sentido, Kunz (2001, p. 28) afirma:

A interpretação das parábolas, no decurso da história da Igreja, tem recebido uma série de abordagens diferentes e, até mesmo, contraditórias, particularmente no século XX. A partir de Orígenes, a abordagem mais comum era a da alegorização dos detalhes da narrativa, ficando a parábola sujeita à imaginação do intérprete.

Por ocasião da Reforma, Martinho Lutero preferiu um método de exegese bíblica que levava em consideração a localização histórica e a estrutura gramatical da parábola. João Calvino foi ainda mais direto. Evitou totalmente as interpretações alegóricas das parábolas e procurou estabelecer o ponto principal de seu ensinamento. Quando constatava o significado de uma parábola, não se preocupava com os pormenores. No século XX [...] iniciou-se a interpretação das parábolas a partir da concepção escatológica da vinda do Reino.

Uma visão mais ajustada, sem dúvida, incluiria tanto o aspecto presente do Reino como o futuro, ou seja, o Reino sob aspecto da escatologia em processo de realização.

Com efeito, através dessa síntese histórica realizada por Kunz (2001), é perceptível a importância de compreender a parábola em si – narrada por Jesus –, bem como sua intencionalidade. Assim sendo, denota-se que as parábolas tinham como cunho teológico aproximar, de certa forma, o mistério de Deus (mensagem do Reino em si) das pessoas que estavam ali de coração aberto, prontas para ouvir e aceitá-lo, uma vez que "as parábolas mostram que Jesus estava perfeitamente familiarizado com a vida humana em seus múltiplos aspectos e significados" (Kistemaker, 1992, p. 19). Contudo, aos cristãos e cristãs de hoje,

se faz necessário ter em mente que a pedagogia de Jesus fora utilizada em tempos remotos, muito distantes da atualidade.

Para que essa mesma pedagogia seja utilizada hoje, devem-se considerar fatores que vão além da mensagem da parábola em si, como o contexto histórico, social e, conseqüentemente, religioso que é comunicado e colocado em prática hodiernamente. Portanto, como Jesus pregava em sua época, os cristãos e cristãs não devem se distanciar da mensagem de Deus, que é demarcada por relações de amor.

2 A parábola dos "primeiros lugares" e a necessidade de honra

Apropriando-nos do conceito, acima apresentado, das parábolas, bem como de seu papel enquanto pedagogia empregada por Jesus durante sua vida pública, tomamos como exemplo a parábola dos "primeiros lugares", narrada no Evangelho de Lc 14,7-14, postulando ser possível, e mesmo palpável, a compreensão da *práxis* dos ensinamentos de Jesus e, de modo mais específico, o exercício da humildade e da empatia – duas atitudes que são, ou ao menos deveriam ser, inerentes à humanidade.

Segundo a narrativa apresentada na tradução da Bíblia de Jerusalém (2019), a parábola dos "primeiros lugares" foi contada por Jesus durante uma reunião social muito comum naqueles dias, um banquete:

Em seguida contou uma parábola aos convidados, ao notar como eles escolhiam os primeiros lugares. Disse-lhes: "Quando alguém te convidar para uma festa de casamento, não te ponhas no primeiro lugar; não aconteça que alguém mais importante do que tu tenhas sido convidado por ele, e quem convidou a ti e a ele venha a te dizer: 'Cede-lhe o lugar'. Deverás, então, todo envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, ocupa o último lugar, de modo que, ao chegar quem te convidou, te diga: 'Amigo, vem mais para cima'. E isso será para ti uma honra em presença de todos os convivas. Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado". Em seguida disse àquele que o convidara: "Ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo. Pelo

contrário, quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos" (Lc 14,7-14).

Na narrativa do evangelista Lucas, destacam-se alguns pontos pertinentes. O primeiro está relacionado ao cenário que Jesus usa como exemplo para contar a parábola dos "primeiros lugares". Kistemaker (1992, p. 212) situa essa narrativa em um contexto no qual, "após o culto na sinagoga, aos sábados, os judeus costumavam ter uma farta refeição, para a qual, muitas vezes, havia vários convidados". Assim, a partir do conhecimento desse costume, é necessário compreender – ainda que de maneira sucinta – a conjuntura em que a narrativa está inserida.

De acordo com Kistemaker (1992, p. 212), o relato faz alusão à ideia de que:

Um dos principais dos fariseus convidara Jesus para um desses almoços, com o propósito de armar-lhe uma cilada. Lá, bem na frente de Jesus, estava um homem hidrópico listo é, um homem com inchaço no corpo ou excesso de líquido no corpol.

A armadilha, aqui retratada pelo autor, está na Lei do sábado, que proibia quaisquer tipos de trabalho, o que, conseqüentemente, impediria Jesus de realizar a cura daquele homem.

Salienta-se, contudo, que o presente estudo não objetiva explicitar de maneira mais abrangente o conceito de lei e a noção acerca da Lei do sábado instaurada nos primórdios do Antigo Testamento. No entanto, é deveras pertinente resgatar a posição de Jesus acerca dessa lei durante sua vida pública. São muitos os relatos das curas realizadas por Jesus nos Evangelhos Sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas) e, também, no Evangelho de João. Em algumas dessas narrativas, as curas realizadas por Jesus acontecem no dia de sábado (Mc 1,21-28; 2,23-28; Mt 12,1-15; Lc 14,1-6; Jo 5,1-9), o que diretamente afrontou os judeus, sendo um dos motivos de sua perseguição, como relatado em Jo 5,16.

Outro ponto que merece destaque nessa parábola está no fato de que, segundo Kistemaker (1992, p. 212), "naquele ambiente hostil, onde

alguns hóspedes tinham egoisticamente tomado os melhores assentos junto à mesa, Jesus ensinou a parábola dos convidados orgulhosos – uma lição de humildade". Nota-se, então, nesse caso em específico, que a parábola tem o intuito de ensinar aos ali presentes uma lição de humildade. Além disso, atitudes como a cura narrada posteriormente no mesmo texto bíblico enfatizam a compaixão e a empatia de Jesus, ainda que tais expressões não sejam diretamente mencionadas nas narrativas bíblicas.

2.1 Empatia e compaixão: aportes teóricos de Edith Stein

Uma vez que o presente estudo intenta abordar a parábola como um recurso pedagógico usado por Jesus e que tal recurso, por sua vez, se relaciona à concepção de empatia sob o referencial de Edith Stein, é necessário, ainda que de modo breve, realizar um resgate bibliográfico sobre ela.

É primordial resgatar a origem de Edith Stein, filósofa e fenomenóloga do século XX. Edith Stein (1891-1942), alemã de origem judia, viveu – e, principalmente, sofreu – durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Peretti e Campos (2022, p. 283) afirmam que ela "vivenciou o início do movimento feminista europeu, que teve por fundamento a luta pelos direitos das mulheres", destacando a existência de Stein durante trágicos períodos históricos. Em relação às suas formações acadêmicas, os autores situam que, "em 1911, [Edith Stein] ingressa na Universidade de Breslau, onde inicia seus estudos em psicologia, história, filosofia e gramática alemã" (Peretti; Campos, 2022, p. 283). Posteriormente, em 1916, Stein obteve o doutorado em filosofia, com a tese intitulada "Sobre o problema da Empatia" (*Zum Problem der Einfühlung*), aprovada com louvor e publicada em 1917. Isso realça sua vasta formação e vindoura identificação como uma das mais influentes filósofas, uma pensadora à frente de seu tempo, com sua obra repercutindo como um indiscutível referencial teórico na sociedade pós-moderna.

Sobre sua conversão religiosa do judaísmo ao catolicismo, assinala-se:

No ano de 1921, Stein converte-se ao catolicismo sob a influência de Santa Teresa de Ávila. Após o recebimento de seu batismo, no ano de 1922, Edith Stein em 1933 entra no Carmelo e mediante algumas indagações sobre a sua escolha se posiciona influenciada pela fenomenologia, ou seja, manifesta a alegria no acolhimento da vocação religiosa em sua vida, trocando seu nome por Irmã Teresa Benedita da Cruz (Peretti; Campos, 2022, p. 284).

A trajetória de Stein é especialmente marcada por sua experiência durante a Primeira Guerra Mundial, na qual serve como enfermeira da Cruz Vermelha, na Áustria, entre abril e setembro de 1915. Nesse momento, depara-se com o sofrimento dos campos de batalha, e o tema da empatia, que seria o mote de seus estudos posteriores, começam a despontar, ao colocá-lo em prática ao se pôr no lugar daqueles que sofriam com os impactos da guerra.

Peretti e Campos (2022, p. 284) apontam que "Stein morre em 9 de agosto de 1942 no campo de concentração em Auschwitz, sendo um grande exemplo em si mesma de empatia e generosidade". Não é sem motivo que Edith Stein, também nomeada Irmã Teresa Benedita da Cruz, foi canonizada no ano de 1998 pelo Papa João Paulo II.

2.2 Empatia Querigmática

Na tradição cristã, a palavra "querigma" é sinônimo do primeiro anúncio das verdades da fé. Segundo as Sagradas Escrituras, o querigma cristão consiste na apresentação de Jesus com seus três grandes títulos: Messias, Senhor e Salvador. Logo após a sua morte, os discípulos saíram pelas cidades e pelos povoados anunciando o querigma do Reino de Deus. São Paulo Apóstolo por várias vezes foi chamado apóstolo querigmático. Isso porque soube propor com empatia as bases do Evangelho e anunciou o nome de Jesus para muitos povos e culturas diferentes. Nos tempos atuais, o papa Francisco chama nossa atenção sobre sermos uma "Igreja em Saída", que alcança as periferias existenciais.

O papa nos propôs uma Igreja que vai em busca daqueles que ainda não experimentaram

o amor de Deus. Nesse sentido, uma evangelização querigmática jamais deve desconsiderar as diferentes condições existenciais daqueles que recebem o anúncio. A palavra "acolhida" talvez possa ser eleita como a primeira a pensar quando se chega até aqueles que querem conhecer Jesus de Nazaré. Não ter empatia significa não ter compaixão, não ter misericórdia – o que é totalmente oposto àquilo que o próprio Cristo nos pediu: "Sede misericordioso como vosso Pai é misericordioso" (Lc 6, 26).

Assim, o texto de Lc 15, 11-13⁴, a parábola do "Pai das misericórdias", pode servir como ícone de uma espiritualidade querigmática. Nessa parábola, Jesus revela como Deus é compassivo e misericordioso. Por meio dessa parábola, Jesus ensinava a compaixão àqueles que não costumavam agir com compaixão. Trazendo essa parábola para a nossa realidade, o irmão mais novo é a representatividade dos excluídos da nossa sociedade. Já o filho mais velho é todo cristão que se julga mais santo e perfeito e que, com isso, considera que apenas ele é digno do amor de Deus. Esses últimos agem como pessoas egocêntricas, que gostam de apontar os defeitos dos outros sem perceber os seus. Uma postura completamente avessa a todo cristão, sobretudo àqueles a quem o Senhor chamou para anunciar o seu Reino.

Já na figura do Pai nos deparamos com a imagem de Deus, que, movido por compaixão, acolhe o filho. O Pai age essencialmente por amor e misericórdia sem se importar, de fato, se havia arrependimento no filho; não exigiu dele uma confissão dos seus erros. Por isso, a misericórdia de Deus é o modelo, por excelência, de uma evangelização querigmática. Quando, como Igreja, vamos ao encontro dos que estão afastados de Deus, nossa postura deve ser a mesma do Pai da parábola da "misericórdia". Acolher, demonstrar amor e compaixão. Ter empatia! Assim deve acontecer o primeiro anúncio. A conversão ocorrerá depois, fruto desse primeiro encontro no

⁴ E disse: "Um homem tinha dois filhos, o mais moço disse a seu pai: 'Pai, dá-me a parte da herança que me corresponde!' E o pai repartiu os bens entre eles. Não muitos dias depois, o filho mais moço, tendo juntado tudo, partiu para uma região distante e ali dissipou sua herança, vivendo de maneira dissoluta".

qual a pessoa deve se deparar com um Deus que é Pai misericordioso. Após o primeiro encontro em que a pessoa experimenta o amor do Senhor, convém que promovamos o seu crescimento na fé. Nesse sentido, o papa Francisco se expressa sobre o aprofundamento do querigma:

A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20) (*Evangelii Gaudium*, 160).

Compreende-se, na parábola dos "dois filhos", um gesto empático de Deus:

O fato de um pai se preocupar com seu filho caçula que depena sua parte da herança numa vida devassa é um drama familiar conhecido; mas o fato de um pai, em vez de repreender o filho ao retornar, o acolher de braços abertos e organizar uma festa em sua honra, eis o inaudito (Marguerat, 2020, p. 329).

Enfatiza-se, nessa parábola, a importância do encontro, da fidelidade e o sentido pedagógico do agir de Deus para com seus filhos. A empatia nos move para a acolhida do Reino de Deus: este não deve ser esperado, mas vivido, no presente e eternamente.

Conforme Marguerat (2020, p. 330):

Da parte de Jesus, o uso da parábola nos mostra uma escolha teológica, antes de ser um caminho pedagógico. Sem dúvida, o contador de histórias, Jesus, dá amostras de pedagogia. Mas optar por expressar Deus no quadro narrativo do mundo cotidiano tem a ver com a concepção que Jesus tem do Reinado. Para ele, o Reinado de Deus não é uma utopia, uma quimera, um fantasma imerso num futuro. Reenquadrando a realidade através do insólito, Jesus molda o Reinado como um mundo possível, um mundo diferente que transforma o nosso mundo. Os sinais do reinado não devem ser procurados em outro lugar senão no cotidiano, mas um cotidiano em que surge o belo, o bom, o verdadeiro. Um cotidiano em que o amor atropela as rigidezes humanas, mesmo que sejam piedosas. Eis a lição da parábola.

Nesse sentido, a pedagogia steiniana nos ajuda a compreender também que a prática educativa se assenta no "princípio da pessoa humana". Com isso, se evidencia a primazia – se assim é possível afirmar – da referência antropológica em qualquer processo educativo-evangelizador, sendo um processo "ad intra – ad extra", enquanto processo que se dá interna e externamente à pessoa humana (Brustolin; Teixeira, 2018). A partir dessa perspectiva, é possível buscar a compreensão, ainda que concisa, na dimensão ontológica, em uma correlação entre valores, vivência dos valores e estruturas da pessoa humana. A compreensão da individualidade do outro é ligada à nossa própria individualidade, e a nossa estrutura de experiência vivida delimita o âmbito do que é compreensível para nós. Um sujeito puramente espiritual sente um valor e "vive" o valor no nível correlativo de sua essência. Esse sentimento não pode se tornar mais ou menos profundo. Um valor não perceptível permanece, contudo, um valor, e é percebido como valor, afirma Edith Stein (1990, p. 197).

Com isso, observa-se que:

O indivíduo humano é dotado de um contexto genericamente-humano, e por natureza se relaciona com seu semelhante, para que, em todos os lugares em que homens se reúnam, surjam uma compreensão e uma semelhança de vida, em que eles se dão bem, dando origem, por certo, a formas sociais concretas que denominamos comunidade⁵ (Stein, 1990, p. 58, tradução nossa).

Assim, segundo a perspectiva steiniana, a pessoa, em sua individualidade e, consequentemente, em suas particularidades, tem, na sua natureza, a disposição para a vivência em uma comunidade que corrobora os mais diversos acontecimentos da sociedade e, como reflexo, molda, de certa maneira, seu próprio agir e ser. Dessa forma, o ato de educar revela-se como um caminho para atribuir sentido à vida humana e ao seu conviver (Sberga, 2018). Ainda, acerca da dimensão comunitária, Peretti e Dullius (2018, p.

⁵ Do original: "L'individuo umano è dotato di una impostazione genericamente-umana, e per natura si relaciona ai suoi simili, cosiché, ovunque delgi uomini si trovino insieme, si deliea un'intesa e una comunanza di vita, in cui essi si affiatano, dando origine a determinate, concrete forme sociali che denominiamo comunità".

170) afirmam que é essencial que "a comunidade tenha uma alta *performance*", pois é nela que se origina substancialmente a união entre as pessoas. A partir dessa dimensão, o ato de educar em seus processos incorpora a dimensão social e sua dinâmica de relações intra e interpessoais. Desse modo, entende-se que:

Edith Stein visa a formação integral do ser humano, a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade. Daí parte sua definição de educação como uma "arte suprema cujo material não é a madeira nem a pedra, mas a alma humana". Onde também a necessidade de precisar que essa arte "equivale a uma criação". Dito de outra maneira é "a partir do mais íntimo da alma [que] o ser humano inteiro é formado parte por parte" (Rus, 2015, p. 47).

Observa-se, assim, tanto a densidade quanto a beleza que Edith Stein confere à dimensão formativa. O pensamento steiniano faz do processo de formação um ato de tamanha intensidade que ultrapassa as formalidades educacionais, uma vez que ela considera a educação como uma formação que se origina no âmago do ser humano, em sua alma, algo capaz de desenvolver potencialidades que transformam e preparam o ser humano para uma viver em sociedade e comunidade. Ainda sobre o processo de formação, é mister afirmar que este ocorre ao longo da vida e, em toda essa trajetória, se dá a formação do caráter:

Educar (*bilden*) significa formar (*formen*) um material. [Stein] Esclarece, também, que na atividade educativa muitos elementos devem ser levados em consideração, como o *objetivo educativo*, que é a forma que deve ser conseguida; os *educandos* tidos como o "material" a ser formado; os *educadores* e os *instrumentos* que eles utilizam (Sberga, 2014, p. 20).

Assim, para Edith Stein o termo "educar" remete a um processo formativo, a uma educação integral. Com isso, ela se adentra na interioridade, consecutivamente, na individualização da pessoa e em suas respectivas inferências sociais.

2.3 Por uma espiritualidade empática

Na perspectiva steiniana, o ato empático desvela-se como uma atitude autêntica para a comu-

nhão humana, que, a partir de um despojamento total diante do outro – a vivência empática –, ao mesmo tempo que humaniza, eleva a um amor maior – Deus.

Para Edith Stein (2019, p. 435), o amor manifesto em Deus é uma entrega possibilitada apenas pela existência de outra pessoa, uma vez que sem entrega mútua dos indivíduos não se pode alcançar o conhecimento nem de si, nem do outro, nem de Deus:

A essência mais íntima do amor é a entrega. Deus, que é o amor, dá-se às criaturas que criou para amar.

Dessa maneira, constrói-se o reino do amor no qual todos são um, Deus com cada criatura à qual se dá, e ela se entrega a ele, e as criaturas que participam umas com as outras do amor de Deus que se derrama nelas e participam reciprocamente do amor divino a que aspiram.

Portanto, tomando como base a empatia em Edith Stein, concebe-se que o exercício empático se dá na relação com o outro, e essa doação conduz a entrega. O olhar direcionado ao outro desvela uma vida em comunhão. Na concepção steiniana, é justamente nessa relação que a empatia está presente, e nela vivifica-se o pleno amor de Deus.

Nesse sentido, a empatia se torna a chave hermenêutica para compreender quem é o outro – o outro ser humano que se coloca em relação conosco. O ato empático nos possibilita uma acolhida calorosa e respeitosa da pessoa que está na nossa frente. É um modo religioso de acolher o outro. A empatia implica a capacidade de uma pessoa de perceber a vivência, os sentimentos, os pensamentos na perspectiva de outras pessoas, desde dentro dela mesma. É a possibilidade, num sentido mais amplo, de sentir compaixão, de colocar-se na perspectiva do outro.

As bases teológicas de uma espiritualidade empática se encontram nos grandes mistérios da teologia cristã. A empatia surge da contemplação do mistério trinitário em que se funda a eclesiologia da comunhão, e esse é o marco essencial de toda a atitude empática.

Cristo nos revela que a vida divina é comunhão trinitária. O Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem

em perfeita intercomunhão de amor; é o mistério supremo da unidade. Da Trindade procede todo o amor e toda a comunhão, para a grandeza e a dignidade da existência humana. A espiritualidade da empatia está enraizada na contemplação da Trindade, na qual cada pessoa vive do outro, com o outro, no outro e para o outro, desde sempre em relação profunda. A empatia conecta os grandes momentos da manifestação trinitária: a criação atribuída ao Pai; a encarnação, a morte e a ressurreição do Filho; o amor derramado nos nossos corações pelo dom do Espírito.

Considerações finais

Jesus, através das parábolas, revela um método próprio de ensino, uma metodologia que mesclava as vivências cotidianas e a mensagem do Reino de Deus. Por meio de palavras simples, buscava ensinar, para seus discípulos e as multidões que o ouviam, assuntos complexos, como a fé, o tempo salvífico que irrompia, a fraternidade e o amor ao próximo.

A pedagogia de Jesus convida os ouvintes a pensar, refletir sobre sua experiência de vida, captando nela o Reino de Deus. Mas, além das parábolas, podemos contemplar na vida de Jesus muitas outras atitudes empáticas. Na carta aos Filipenses 2,6-11, encontramos a *kénosis* de Jesus, a teoria acerca da encarnação de Cristo que diz que Ele se esvaziou de alguns de seus atributos divinos para assumir as qualidades humanas. Portanto, a atitude fundamental de Jesus é uma atitude solidária. Essa atitude de Jesus pode ser contemplada em vários momentos da sua vida. No diálogo com a Samaritana junto ao poço de Siquém, na atuação do pai do filho pródigo e na passagem do banquete de Zaqueu. Estes são exemplos de atitude amorosa e acolhedora de Jesus, que oferece, por sua vez, numerosos elementos para uma prática pastoral baseada na empatia.

A filósofa alemã Edith Stein deixou, por meio de suas produções, mas, sobretudo com o exemplo de sua vida, um modo próprio de se relacionar com outra pessoa: a empatia, que na sua concepção não apresenta somente uma dimensão

fenomenológico-filosófica, mas também uma dimensão teológico-espiritual. A espiritualidade empática oferece um modo particular de ver, de sentir e de atuar no mundo, que começa com uma atitude ascética, ou seja, com um esforço metódico e continuado, com o qual o indivíduo, através da ajuda da graça e da escuta do outro, pode viver em seu processo de desenvolvimento um caminho de imitação de Cristo, e escolher um caminho de santidade, até dar sua vida para que o outro tenha vida.

Nesse sentido, a pedagogia empática proposta por Edith Stein e o método de ensino de Jesus por meio das parábolas são forças formativas, e, nessa intersecção, a concepção de educação steiniana aproxima-se da pedagogia de Jesus, dado que ambas apontam como fonte primeira da convivência a indispensabilidade dos atos de empatia, que ressaltam a graça divina. Os atos empáticos, por sua vez, permitem a compreensão sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. A relação empática possibilita a vivência em comunidade, sensibilizando-nos diante das mazelas que assolam o próximo, em um modo de agir próximo de Deus, tal como pregava Jesus.

Referências

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2019.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio; TEIXEIRA, Patrícia Espindola de Lima. A educação em Edith Stein: breve análise histórica e conceitual. *In*: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima (org.). *A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prisma, 2018. p. 25-49.
- DORÉ, Joseph. *Jesus: a enciclopédia*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FOUILLOUX, Danielle *et al.* *Dicionário cultural da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1998.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.
- KISTEMAKER, Simon. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Presbiteriana, 1992.
- KUNZ, Claiton André. *As parábolas de Jesus e seu ensinamento sobre o Reino de Deus*. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021.
- MARGUERAT, Daniel. A linguagem das parábolas. *In*: DORÉ, Joseph (org.). *Jesus: a enciclopédia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 325-331.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. *A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prisma, 2018.

PERETTI, Clélia; CAMPOS, Bruno Henrique. Liberdade e responsabilidade da pessoa. A influência da obra "Fausto" de Goethe em Edith Stein. *Teoliterária*. Curitiba, v. 12, n. 28, p. 272-293, dez. 2022.

RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.

SBERGA, Adair Aparecida. A dimensão comunitária da formação humana em Edith Stein. In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima (org.). *A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prisma, 2018. p. 169-192.

SELLIER, Philippe. *Para conhecer a Bíblia: um guia histórico e cultural*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica: versão 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2022.

STEIN, Edith. *La Vita come Totalità: scritti sull'educazione religiosa*. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

STEIN, Edith. *Ser finito e ser eterno*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Clélia Peretti

Pós-doutora pela Pontifícia Universidade Lateranense (PUL), doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Bruno Henrique Campos

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Adriane Candida de Proença dos Santos

Especialista em Formação de Professores pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Endereço para correspondência:

CLÉLIA PERETTI

Av. Ipiranga, 6681
Partenon, 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

BRUNO HENRIQUE CAMPOS

R. Raul de Azevedo Macedo, 61
Xaxim, 81830-180
Curitiba, PR, Brasil

ADRIANE CANDIDA DE PROENÇA DOS SANTOS

Rua Imaculada Conceição, 1155
Prado Velho, 80215-901
Curitiba, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.